

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Psicologia Social e Campo Intelectual na França do século XIX:  
o caso de Gabriel Tarde**

Marcia Cristina Consolim<sup>1</sup>

**Resumo**

Este trabalho analisa os textos de psicologia social de Gabriel Tarde (1843-1904), publicados na década de 1890, a partir dos debates, das redes e do campo intelectual na última década do século XIX. Considera o elitismo psicológico de Tarde um produto de sua trajetória e do modo como se deu sua profissionalização no campo intelectual. A partir de 1880, as reformas do ensino favoreceram as carreiras universitárias e a profissionalização da pesquisa científica, o que significou que as carreiras não universitárias, como a de Tarde, se tornaram mais dependentes de meios de divulgação e de intermediários culturais. Sua sociologia ‘psicológica’ ou ‘individualista’ é a representação invertida de sua posição (dominada) no campo.

**Palavras-chave:** campo intelectual francês, psicologia social, Gabriel Tarde

**Abstract**

Ce travail analyse les textes de psychologie sociale de Gabriel Tarde (1843-1904), publiés dans la décennie 1890, à la suite des débats, des réseaux et du champ intellectuel français lors de la dernière décennie du XIXe. Siècle. Je considère l’élitisme psychologique de Tarde comme le produit de sa trajectoire et du mode dont se produit sa professionnalisation dans le champ intellectuel. Depuis les années 1880, les réformes de l’enseignement ont favorisé les carrières universitaires et la professionnalisation de la recherche scientifique, ce qui a signifié que les carrières non universitaires, comme celle de Tarde, sont devenues trop dépendantes des milieux de diffusion et d’intermédiaires culturels. Sa sociologie ‘psychologique’ ou bien ‘individualiste’ est la représentation inverse de sa position (dominée) au champ.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla que objetiva compreender o significado do surgimento de textos de Psicologia Social na França ao longo da última década do século XIX. Considerando-se que o campo intelectual está em processo de autonomização, principalmente em razão da profissionalização de seu pólo universitário, localizo os psicólogos sociais no pólo heterônimo do campo. Em sua maioria, eles não tinham os títulos exigidos – agregação e doutorado - para uma carreira universitária em nenhuma das quatro grandes áreas do conhecimento – Ciências, Letras, Medicina e Direito - e, como ‘intelectuais livres’, ou seja, não universitários, eram mais dependentes de mecanismos exógenos ou dominados no campo. Ora, a relação entre o campo intelectual e o político muda na década de 1890, com a diminuição das cotas de apadrinhamento político nas fileiras universitárias, o que significa que o capital de relações políticas desses intelectuais perdia força, o controle sobre

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo – USP – Doutoranda do Departamento de Sociologia.

as nomeações estando cada vez mais mediado pela aprovação dos pares. As outras possibilidades de sobrevivência no campo, pela via do mercado da cultura ou pela docência ou participação em instituições privadas, implicavam uma dependência crescente em relação aos ‘intermediários culturais’, ou seja, a posições de poder dentro do sistema de publicação, divulgação e reconhecimento intelectual - editores, mecenas, acadêmicos e diretores. A figura do ‘publicista’ perdia prestígio e alguns intelectuais, como é o caso de Gustave Le Bon, expressaram a depreciação de sua posição através de um sentimento de inferioridade, e mesmo de ressentimento, em relação ao prestígio proveniente dos títulos universitários. No caso das trajetórias baseadas em sociedades científicas e em faculdades privadas, financiadas majoritariamente pelo mecenato social, o retorno material e simbólico era relativamente pequeno e dependente do capital de relações pessoais do candidato. O caso de Gabriel Tarde é bastante significativo, tendo começado sua carreira como magistrado no sul da França e conquistado posições através de relações com pessoas estrategicamente posicionadas em revistas e sociedades científicas. As cartas trocadas com Jeanne Weill (pseudônimo Dick May) e com Alfred Fouillée, personagens que tiveram um papel fundamental em sua nomeação ao *Collège de France* e à *Académie des Sciences Morales et Politiques*, expressam essa relação de dependência e de afinidade discursiva. Tarde procurou inverter no discurso a distribuição de prestígio no campo ao exaltar a ‘era da opinião pública’ em detrimento não apenas da ‘era das multidões’, mas também da do público restrito da sala de aula, críticas semelhantes às de Dick May que, à mesma época, defendia a difusão das ciências sociais através de cursos ‘livres’ e abertos ao grande público. Do mesmo modo, os ataques de Tarde à divisão do trabalho intelectual e à criação de um secundário clássico sem latim eram bastante conformes aos de Fouillée, cuja defesa da filosofia implicava a desqualificação da sociologia durkheimiana. A aproximação institucional e a afinidade discursiva foram recorrentes ao longo da trajetória de Tarde e o próprio debate entre Tarde e Durkheim, na década de 1890, pode ser considerado uma das etapas das disputas entre, de um lado, ‘intelectuais livres’ e universitários e, de outro lado, entre a filosofia e a sociologia.

As disposições anti-universitárias são provenientes de uma cultura intelectual, forjada nos anos 70, marcadamente através da *Revue philosophique*, em que a posição do ‘intelectual livre’, ou seja, não universitário, exprimia um significado subversivo em relação à ordem filosófica e psicológica vigente na universidade, de vocação espiritualista e católica. Os ‘sorbonnards’, como foram chamados os filósofos espiritualistas como Elme Caro e Paul Janet, representavam o discurso oficial, na sua vertente cristã, contra o qual o evolucionismo e o materialismo da nova Psicologia Experimental e Fisiológica lutavam. Nos anos 90, contudo,

a filosofia e a psicologia universitárias deixaram de representar o discurso oficial ou espiritualista para dar espaço a estratégias de inovação disciplinar e à especialização das carreiras. Parte dos antigos psicólogos experimentais ou sociólogos evolucionistas, como Théodule Ribot e Alfred Espinas, formados pela *École Normale Supérieure* e portadores do título de agregação em filosofia e de doutorado em letras, ingressaram nas universidades. Por oposição a essas trajetórias, os ‘psicólogos sociais’ foram inelutavelmente relegados a uma posição dominada dada a falta de credenciais acadêmicas, mantendo em razão disso um discurso anti-universitário tardio e fora de época.

Num momento em que a especialização estava sendo valorizada no campo intelectual, o ecletismo teórico dos psicólogos sociais é uma característica cujo significado deve ser buscado em sua formação e em sua profissionalização. Os psicólogos sociais como Tarde, Le Bon, Fouillée e Boutmy atingiam mais de 50 anos na década de 90, e, alheios aos centros de inovação controlada, traziam na bagagem o capital intelectual requerido pelo grande público ou pelos salões burgueses. O repertório típico desses autores mistura teorias raciológicas, climáticas e culturalistas, o que talvez possa ser explicado pela relação instável e autodidata com o trabalho intelectual, possivelmente um fator importante na habilidade de aliar teorias sociais díspares e epistemologias conflitantes. Além disso, o estilo de Taine de *Les Origines de la France contemporaine*, pleno de referências literárias e de dramatização histórica, impregna a psicologia social e a situa numa posição intermediária entre o pólo científico e o pólo literário, num período em que eles se opunham. O centro das teses da psicologia social, em vários de seus ‘gêneros’ – a psicologia das multidões, a psicologia dos povos e a psicologia política –, se baseia numa crença na *individualidade* como origem da criatividade artística, da inovação científica e da transformação política e, por oposição, na depreciação do coletivo, do mediano e da massa. Se o elitismo foi um traço permanente da cultura intelectual francesa, científica ou literária, ao longo do século XIX, na última década do século novos significados devem ser acrescentados a essa disposição. Em primeiro lugar, ela resultou do processo de mudança estrutural do campo intelectual em razão das reformas educacionais republicanas a partir dos anos 80 e que democratizaram o acesso à educação primária, secundária e superior, o que tornou a competição no campo mais acirrada e, ao mesmo tempo, permitiu a ascensão de setores da pequena e média burguesia a postos universitários. Em segundo lugar, esse processo estrutural foi concomitante à transformação da linguagem e do estilo textual e pode-se perguntar se não seriam correlatos: o elitismo psicológico não é erudito ou aristocrático, nem muito menos científico ou racional; ele se expressa através de um estilo extravagante, caricato, em suma, ‘popular’, resultado da

abertura das posições heterônomas do campo intelectual aos campos jornalístico e político. Se se considera, por exemplo, os arquivos pessoais de Gabriel Tarde, é nítida a obsessão com que ele catalogou e arquivou todos os jornais da pequena, média e grande imprensa nos quais seu nome foi citado, bem como a importância que deu às notícias cotidianas – crimes, debates parlamentares, greves, questões internacionais – para a construção de sua teoria, recortando frases, sublinhando trechos, inserindo informações citadas em jornais nos manuscritos, posteriormente publicadas em artigos. Um processo de trabalho que nivela fontes diversas e se deixa nivelar pela opinião jornalística, mas que, ao mesmo tempo, apresenta uma grande preocupação com sua imagem pública e com a distinção intelectual. Teme-se a queda na vala comum do jornalismo, o que exige investimento em títulos acadêmicos, que por outro lado encontram a barreira da titulação universitária oficial.

Ora, uma vez nessa posição intermediária, a de um ‘intelectual livre’ que não pretende ser um simples publicista e não pode ser um universitário, torna-se fundamental investir em relações intelectuais e em instituições privadas de circulação e de reconhecimento intelectual. Os cartões de apresentação e, principalmente, as publicações em revistas e em editoras diversas espelham o ímpeto do acúmulo de títulos, que parecem valer mais pela quantidade do que pela qualidade. Pois a essa necessidade premente dos psicólogos corresponde o surgimento, nos anos 90, de várias instituições novas que ainda não têm valor simbólico no campo, bem como de novas funções, operadas por ‘intermediários culturais’, que se diversificam para atender a um mercado de leitores ampliado. Por ocasião de uma sondagem sobre o ensino de sociologia no secundário, a apresentação de Gabriel Tarde é reveladora: “*Sr. G. Tarde, professor de sociologia na École Libre des Sciences Politiques e no Collège Libre des Sciences Sociales, antigo vice-presidente do Institut International de Sociologie, antigo presidente da Société de Sociologie de Paris*”. (RIS, 1899: 678) Todas essas instituições eram recentes e privadas, ou seja, menos prestigiadas do que as universidades e as grandes escolas. Nesse sentido, o que chamo de ‘individualismo psicológico’ deve ser compreendido como uma representação invertida da posição que os psicólogos sociais ocuparam no campo e no espaço social: em primeiro lugar, porque ela naturaliza a vocação intelectual, através do conceito de ‘gênio individual’, quando sua própria sobrevivência no campo exige grande capital de relações sociais e, em segundo lugar, porque ela desqualifica o ‘grande número’ quando sua sobrevivência no campo depende da capacidade de ter leitores fora do âmbito especializado da universidade. O complemento necessário dessa rede de dependência é a disposição ‘moderada’, típica entre os psicólogos, o que explicaria a ausência da psicologia entre os signatários do Manifesto dos Intelectuais, em

1898, em defesa de Dreyfus. O manifesto chamado *Apelo à União*, assinado por Tarde, é o corolário desta disposição, à medida que clamava por moderação, pelo respeito às instituições e às decisões da Corte de Cassação.

Se se distribuir os autores proponentes da temática da psicologia social entre aqueles que têm capital de relações sociais e os que têm credenciais universitárias, observa-se que Gabriel Tarde e Gustave Le Bon são os autores que mais sofreram os constrangimentos de um campo intelectual em processo de profissionalização: sem as credenciais universitárias de Alfred Fouillée e sem o capital de relações sociais de Émile Boutmy, sua permanência no campo exigiu esforços brutais. Tarde seguiu o percurso de Fouillée e se aproximou da ala ‘filosófica’ e das instituições de reconhecimento intelectual em que ela tinha peso, como a *Academie des Sciences Morales et Politiques*, mas essa opção lhe custou a perda de prestígio entre os intelectuais do pólo científico. Le Bon seguirá o percurso do segundo, ou seja, o de um intermediário cultural, tornando-se, em 1902, aos 61 anos, diretor da coleção *Bibliothèque de philosophie scientifique*, concorrente das coleções de René Worms e de Jeanne Weill, uma estratégia coerente com sua longa trajetória de autor de vulgarização científica. As trajetórias de Gabriel Tarde e de Gustave Le Bon configuram os dois extremos possíveis do campo das ciências sociais ‘livres’ e são fundamentais para se compreender o significado da psicologia social no período, bastante distinto do da psicologia científica e universitária.

A *Revue Philosophique*, dirigida por Théodule Ribot desde o início de sua publicação, em 1876, foi o veículo através do qual Gabriel Tarde ingressou no incipiente campo das ciências sociais. Em 1880, ele escreveu uma carta anônima a Ribot que, por sua vez, solicitou que o autor anônimo se identificasse. A partir de então, Tarde iniciou uma intensa publicação na revista: entre 1880 e 1893 publicou nada menos do que vinte e seis artigos, ou seja, uma média de dois artigos ao ano. Em 1894, Tarde é chamado para trabalhar no Ministério da Justiça em Paris, como diretor do departamento de Estatística Criminal, através da influência de Alexandre Lacassagne, médico criminalista em Lyon e diretor dos *Archives d’Anthropologie Criminelle*, revista na qual Tarde publicava desde o seu surgimento, em 1886. A partir de então, tem início a diversificação de suas estratégias de publicação e ele passa a publicar em outras revistas: torna-se co-diretor dos *Archives d’Anthropologie Criminelle*, colaborador da *Revue Internationale de Sociologie*, de René Worms, além de publicar na *Revue des Deux Mondes* e na *Revue de Paris*. Essas duas últimas revistas, dirigidas a um público burguês cultivado, nas quais Tarde publicou apenas dois artigos - sobre a ‘multidão’ e sobre a ‘opinião pública’ -, são não obstante significativas de sua necessidade de corresponder às expectativas de seus respectivos diretores, Brunetière e Lavissee e, através

deles, atingir um público mais amplo do que aquele que as novas revistas científicas visavam. A revista de sociologia de René Worms, por seu turno, estava demasiadamente comprometida com a ‘questão social’ em detrimento do rigor metodológico, além de abrigar muitos colaboradores sem credenciais acadêmicas, majoritariamente ‘intelectuais livres’ e políticos. O ingresso de Tarde na vida intelectual parisiense lhe possibilitou o aumento de seu capital de relações sociais, o que lhe abriu as portas para a participação em sociedades científicas e em escolas privadas de ensino superior. Através de Théodule Ribot chegou aos salões de Le Bon, onde conheceu Émile Cheysson, quem provavelmente o apresentou a Émile Boutmy, diretor da *École Libre des Sciences Politiques*, onde foi professor. Através da revista de Worms foi convidado por ele a presidir o *Institut Internationale de Sociologie* e a *Société de Sociologie de Paris*, ambas as sociedades com o mesmo perfil de sua revista. Essas redes lhe permitiram, finalmente, ingressar como docente nas duas escolas dirigidas por Dick May, o *Collège Libre des Sciences Sociales* e a *École des Hautes Études Sociales*. Suas conferências nessas escolas deram origem a artigos que, reunidos, foram publicados tanto na coleção *Bibliothèque Sociologique Internationale* de René Worms quanto na coleção *Bibliothèque des Sciences Sociales* de Dick May. Todas essas pessoas, a quem Tarde conheceu principalmente após freqüentar os salões parisienses, lhe permitiram entrar em contato com os mais diversos meios: o dos juristas, economistas e estatísticos, o dos publicistas, o dos médicos e antropólogos e, finalmente, o dos filósofos, sociólogos e psicólogos (SALMON, 2005: 130). Émile Boutmy, representante do primeiro meio, foi fundamental em sua eleição para a *Academie des Sciences Morales et Politiques*; Dick May, representante do segundo, tornou-se sua amiga íntima e a responsável pela difusão de seu nome junto ao Ministério da Instrução Pública; Alexandre Lacassagne, representante do terceiro grupo, teve influência em sua nomeação para o departamento de estatística criminal do Ministério da Justiça e, finalmente, Théodule Ribot e Alfred Fouillée, representantes do quarto grupo, articularam minuciosamente sua eleição à *Academie des Sciences Morales et Politiques* e ao *Collège de France*. Essas duas instituições, ao contrário de todas as outras, eram bastante prestigiadas à época, ainda que fossem abertas a indicações políticas e não exigissem credenciais universitárias de seus membros. Elas congregaram os pólos não científicos do campo das ciências sociais: o pólo do poder social, representado pelo grupo dos juristas, economistas e estatísticos, e o pólo da tradição intelectual, representado pelos filósofos e homens de letras. Entre esses dois pólos havia mais do que uma simples diferença de formação acadêmica, pois ocorria então uma disputa acirrada pela definição da disciplina dominante em ciências sociais e, em consequência, pelo controle institucional e programático das disciplinas emergentes.

Essa tensão se reproduziu no campo ‘livre’ através, de um lado, da *École Libre des Sciences Politiques* e, de outro lado, da *École des Hautes Études Sociales*, instituições que correspondiam, respectivamente, à vocação profissionalizante dos juristas e economistas e à vocação pedagógica dos filósofos e pedagogos. No campo universitário, essa polarização se deu através das disputas entre a Faculdade de Direito e a Faculdade de Letras pelo controle da disciplina de sociologia e, após a virada do século, entre a ala modernista e a ala tradicionalista da Faculdade de Letras, neste caso uma polarização entre a vocação científica e a cultural das humanidades.

A obra de Gabriel Tarde foi crítica da hegemonia da ‘economia política’ nas ciências sociais e, apesar de sua participação na *École Libre des Sciences Politiques*, se aproximou dos autores e das instituições que pretendiam dar maior especificidade ao ‘social’. Se, por um lado, considerava necessária a autonomização da sociologia em relação à biologia e à economia, por outro lado, lutou por uma autonomia restrita, já que a sociologia segundo ele deveria se manter nos limites da ‘psicologia social’ ou da ‘inter-psicologia’. Apesar da aparente inovação, os pressupostos que fundamentaram suas teses representaram a defesa do domínio tradicional da filosofia, o que a ala filosófica rapidamente reconheceu e soube usar contra os durkheimianos, principalmente a tese da origem psicológica da moralidade social. Tarde defendeu a função ‘cultural’ do intelectual na França como aquela que correspondia à tradição local, por oposição à função científica e especializada que corresponderia à tradição inglesa. Essa visão do intelectual como guardião da ‘cultura francesa’ e que é correlata ao medo do nivelamento intelectual e à valorização da criação solitária leva a concluir que a psicologia social de Tarde é uma representação do trabalho intelectual invertida da situação de dependência extrema das ciências sociais ‘livres’ e, em particular, de sua própria posição no campo.